

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
REBECCA RIOS FILGUEIRAS AZEVEDO

ALI BABÁ E AS 200 PALAVRAS

Um estudo da influência do árabe na língua portuguesa

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
REBECCA RIOS FILGUEIRAS AZEVEDO

ALI BABÁ E AS 200 PALAVRAS

Um estudo da influência do árabe na língua portuguesa

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília
como exigência parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Língua Portuguesa e
Respectiva Literatura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Enilde Leite de
Jesus Faulstich

Brasília

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus que por sua infinita inteligência criou os idiomas e nos deu a capacidade de estudá-los. “In every language it’s the same: Hallelujah!”

Agradeço ao meu pai pelas histórias contadas antes de dormir, por entender e apoiar meus sonhos e por ser o cara mais legal do mundo. E à minha mãe por ser meu exemplo e por ter despertado em mim o amor pelas letras, pelos livros e pelo conhecimento. Eu amo vocês!

Ao meu irmão, que, enquanto aprendia a ler, aproveitou pra testar seus conhecimentos me alfabetizando. Ora, deu certo!

Ao UnBrainstorm. A experiência universitária se tornou muito mais divertida graças a vocês! Let’s get rich!

À Verônica, (quase) companheira de monografia. Obrigada por perseverar junto comigo, menina! O dicionário “Rios Valadares” ainda não rolou, mas quem é que está com pressa?

Ao amigo Jônathas Camacho, por ter gastado sua última manhã como aluno da UnB arrumando a bagunça monográfica desta pesquisadora. Muito obrigada, Jô!

À professora Enilde. Obrigada por confiar em mim e por compartilhar conhecimento de uma forma maravilhosa.

Aos meus amigos que, mesmo detestando português, me encorajaram falando que o tema era interessante. Eu sei que falar isso dá muito trabalho, então obrigada!

“A princípio Shasta só distinguiu no vale um vasto mar de névoa, com algumas cúpulas e pináculos erguendo-se a partir dele; à medida que clareava o dia e ia sumindo a névoa, pôde ver melhor. Um rio largo dividia-se em dois braços: na ilha entre eles ficava a cidade de Tashbaan, uma das maravilhas do mundo. Ao redor da ilha, erguiam-se altas muralhas, encimadas por tantas torres que Shasta logo desistiu de contá-las. Dentro das muralhas, a ilha erguia-se em uma colina, e por toda parte, desde o palácio do Tisroc até o grande templo de Tash, no alto, elevavam-se edifícios, terraços e mais terraços, ruas e ruas, estradas que ziguezagueavam, jardins suspensos, balcões, arcadas, ameias, minaretes, pináculos. Quando finalmente o sol nasceu no mar e a cúpula de prata do templo refletiu a luminosidade, Shasta ficou meio ofuscado.”

(C. S. Lewis)

RESUMO

Embora o português seja uma língua de raiz latina, outras línguas influenciaram sua formação. Uma dessas línguas é o árabe. O primeiro encontro do português com o árabe se deu entre os séculos VIII e XV, durante a ocupação moura na Península Ibérica, e o idioma dos invasores teve grande influência na formação do que viria a ser chamado o português. Os dois idiomas voltaram a se encontrar no Brasil, no século XX, em razão da imigração libanesa, e novos elementos árabes foram incorporados ao português brasileiro. O presente trabalho se propõe a analisar expressões de origem árabe no vocabulário do português do Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Português do Brasil, Árabe, Empréstimos Linguísticos

ABSTRACT

Although Portuguese is a language of Latin root, many other languages have influenced its formation. One of these languages is Arabic. The first encounter between Portuguese and Arabic languages occurred between the eighth and fifteenth centuries, during the Moorish occupation of the Iberian Peninsula, and the idiom spoken by the invaders had great influence on the formation of what came to be called the Portuguese language. The two languages met again in Brazil in the twentieth century, due to Lebanese immigration, and new Arabic elements were incorporated into Brazilian Portuguese. This study aims to analyze expressions of Arab origin in the Brazilian Portuguese contemporary vocabulary.

Keywords: Brazilian Portuguese, Arabic, Loanwords

SUMÁRIO

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1 O ÁRABE E O PORTUGUÊS PRIMITIVO	9
1.1 Invasão e dominação árabe na Península Ibérica	9
1.2 Produção científica e intelectual durante a ocupação.....	10
1.3 O resultado da dominação árabe na Península Ibérica no português	12
2 O ÁRABE E O PORTUGUÊS NO BRASIL	15
2.1 Os escravos malês	15
2.2 Imigração libanesa no Brasil	15
3 O ÁRABE NA CULTURA POPULAR BRASILEIRA	18
3.1 Equívocos do olhar brasileiro sobre o Oriente Médio	18
3.2 Cultura árabe no Brasil	19
4 200 PALAVRAS DE ORIGEM ÁRABE NO LÉXICO COTIDIANO BRASILEIRO.....	22
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Ao estudar a formação da língua portuguesa, é importante considerar influências linguísticas que vão além do Latim, língua mãe do português. Uma dessas influências é a da língua árabe, que se faz presente no léxico não apenas do português, mas também de outras línguas neolatinas.

A origem da influência árabe na língua portuguesa tem início no século VIII, com a invasão e dominação árabe na Península Ibérica. Essa dominação, que durou cerca de sete séculos, deixou grandes marcas na língua portuguesa. A presença de imigrantes brasileiros no Brasil é outro fator que impulsiona empréstimos linguísticos do árabe para o português.

Por isso, esse trabalho tem o objetivo de estudar a influência da língua árabe no português europeu primitivo, causada pela dominação árabe na Ibéria, e no português brasileiro atual, causada pela imigração libanesa no Brasil.

No primeiro momento, a pesquisa terá enfoque na invasão árabe na Ibéria e os resultados no português europeu primitivo. No segundo momento, será abordada a imigração libanesa no Brasil e, a partir dela, a entrada de novos vocábulos de origem árabe no português do Brasil. No terceiro momento, será feita uma análise da presença árabe na cultura popular brasileira.

1 O ÁRABE E O PORTUGUÊS PRIMITIVO

1.1 Invasão e dominação árabe na Península Ibérica

O árabe é um dos idiomas mais antigos do mundo e teve origem há mais de dezoito séculos como uma mistura de dialetos falados no Oriente Médio e regiões próximas. No século VII, com o surgimento do islamismo, o idioma árabe passou a ter importância ainda maior e se difundiu junto com a religião islâmica.

Em pouco tempo, os muçulmanos conquistaram toda a Península Arábica e de lá partiram para outros lugares, entre eles o Norte da África, que dominaram rapidamente, o que serviu de ponto de partida para a invasão da Península Ibérica. Os berberes, povo que habitava o norte africano, embora a princípio resistentes, logo aderiram à religião muçulmana e colaboraram com a expansão árabe.

No ano 711, os árabes, juntamente com os berberes, chegaram à Península Ibérica, que estava dividida e enfraquecida devido a conflitos internos de ordem política, social e religiosa. Dessa forma, não demorou para que os árabes tomassem quase toda a península. Assim, em poucos anos, a Ibéria estava sob o domínio árabe e logo se tornou um califado, de cuja capital, Córdoba, nos fala Zaidan (2005, p.66):

a cidade de Córdoba teve iluminação pública nas ruas setecentos anos antes de Londres. Tinha 113 mil casas, 70 bibliotecas públicas e 800 escolas (sendo 27 públicas), e sua universidade possuía 11 mil alunos, oriundos de todos os lugares da Europa, Ásia e África; diz-se que esta brilhou mais do que a Universidade de Al-Azhar, do Cairo.

Os povos que habitavam a Península Ibérica, mesmo dominados, puderam manter seu idioma, mas, ainda assim, muitos aprenderam o árabe como língua de cultura. Houaiss (1986, *online*) explica que, para os falantes do que viria a se tornar o português, era necessário recorrer ao latim para transmitir conhecimento, o que era muito difícil, levando-se em consideração que apenas uma parcela mínima da população era letrada. Já para os árabes, que possuíam um número bem maior de letrados, era muito mais simples transmitir conhecimento, já que eles recorriam ao próprio idioma árabe.

Muitos dos habitantes da Ibéria, além de aprender o idioma dos mouros como língua de cultura, também assimilaram seus costumes. Eles foram chamados de moçárabes (*musta'rab*, arabizado). Os moçárabes adotaram o modo de vida árabe, embora em sua maioria não tenham adotado a religião islâmica, mas mantinham o uso do romance local na vida cotidiana, preservando sua língua nativa, ao mesmo tempo em que adicionavam a ela elementos árabes que aos poucos se tornaram comuns no falar Ibérico.

Houve também muitos cristãos que negaram o catolicismo e se tornaram islâmicos. Foram os chamados *muladies*. Outros, por não desejarem se misturar com os árabes, partiram para o norte da península, onde os mouros não haviam invadido (SAMU, 2010). Esses foram os responsáveis pela Reconquista da Ibéria pelos cristãos.

Foi rápida a conquista muçulmana, mas penosa e apaixonada a Reconquista. Refugiados nas montanhas das Astúrias (Montes Cantabros), os restos dos exércitos hispano-visigóticos e os cristãos fundaram ali, no Nordeste do país, o Reino das Astúrias e iniciaram, sob o comando de Pelágio, o movimento da Reconquista. Era uma guerra militar, santa, abençoada e beneficiada pelos papas. Avançando para o Sul, foram recuperando aos poucos os territórios perdidos; assim se formaram os reinos cristãos de Leão, Aragão, Navarra e Castela. (HAUY, 2011, p. 31).

O domínio árabe terminou em 1492 com a queda de Granada, último reduto árabe na Península Ibérica. Foi nesse período, e por causa das batalhas da Reconquista, que o Estado português foi formado. O português, que ainda era uma só língua com o galego, ainda estava em formação, e, por isso, muitos elementos do árabe permaneceram no vocabulário do que viria a se tornar o idioma português.

1.2 Produção científica e intelectual durante a ocupação

O período de 8 séculos durante os quais os árabes dominaram a Península Ibérica não foi, ao contrário do que possa parecer, um tempo de estagnação intelectual. Na verdade, enquanto boa parte da Europa vivia a Idade Média, a Ibéria conhecia um período de avanço das ciências e das artes. Segundo Zaidan (2005, p. 70), “o maior brilho do progresso da Andaluzia não estava somente na indústria, na lavoura ou nas forças navais, mas principalmente na literatura, na ciência, na medicina e na filosofia”.

Os mouros trouxeram para a Península Ibérica muitos livros que haviam sido traduzidos para o árabe, de autores gregos como Platão, Aristóteles e Arquimedes. Durante sua estada na Ibéria, os árabes traduziram esses livros para o latim, possibilitando aos povos conhecer obras que foram fundamentais para o avanço da ciência. Além disso, em toda a extensão do Império Árabe havia bibliotecas, universidades, e locais de encontro onde sábios e intelectuais discutiam ciência.

Os moçárabes também tiveram uma produção cultural importante no período da dominação islâmica. Eles tinham o objetivo de manter a tradição e a fé cristã em meio ao domínio árabe. Muitos deles foram produzidos sob o rótulo de proféticos, anunciando a derrota dos mouros.

Em “Literatura Moçárabe. Memória de uma cultura de resistência (Séculos VIII-XII)”, Rei (2008, p. 18), discorre sobre a importância para a comunidade cristã de manter sua identidade como forma de “resistência aos poderes hegemônicos que se lhe foram impondo.” Segundo esse autor, “a herança cultural cristã procurava, pois, revivificar-se através de uma ‘rememorização’ de obras importantes da herança romano-visigótica” (p. 11).

Um bom exemplo para demonstrar essa rememorização, além de mostrar a ampla utilização do idioma árabe, é o fato de que o livro “*Historiæ adversum Paganos*”, famosa obra do século V, do historiador Paulo Orósio, foi traduzido do latim para o árabe para uso dos próprios cristãos, entre os séculos IX e X. “Era, portanto, evidente que, pelo menos nas comunidades moçárabes dos grandes meios urbanos, o nível de arabização dessas mesmas comunidades seria praticamente completo: era-lhes mais fácil ler Orósio em árabe do que em latim” (REI, 2008, p. 4)

Nos séculos seguintes, muitos intelectuais de origem árabe surgiram. Eles eram filósofos, filólogos, astrônomos e estudiosos das mais diversas áreas, e, principalmente, escritores de prosa e poesia. Bernard F. Rilly (1992, p. 281) nos fala que até mesmo filósofos escreviam poesia, já que essa era “a principal manifestação cultural dessa época”.

Entre esses intelectuais, é preciso destacar Averróis. Nascido em 1126, na cidade de Córdoba, Averróis foi um filósofo cujos trabalhos influenciaram muitos pensadores europeus, como John Locke, Hegel e Descartes. Além de filosofia, Averróis também escreveu sobre religião, medicina, astronomia, filologia e direito (RILLEY, 1992, p. 282). Por suas ideias pouco conservadoras, acabou sendo exilado e teve suas obras queimadas por fundamentalistas islâmicos. Estas, porém, não

foram perdidas, pois haviam sido traduzidas para o hebraico, e daí puderam ser traduzidas para o latim e divulgadas pela Europa.

Da intensa produção cultural e científica na Ibéria sob a dominação moura, pode-se compreender por que muitos termos usados na matemática, astronomia, química e outras ciências derivam do árabe.

1.3 O resultado da dominação árabe na Península Ibérica no português

Embora a Reconquista da Ibéria só tenha sido completada em 1492, o território que hoje forma Portugal já havia declarado sua independência em 1128. Entretanto, mesmo tendo se libertado do domínio árabe antes do resto dos territórios ibéricos, Portugal havia sofrido uma forte influência dos dominadores na cultura, na ciência e, especialmente, na língua, que ainda estava em formação no período.

Houaiss (1986) estima que cerca de um quarto do vocabulário do português primitivo era formado por palavras de origem árabe. Boa parte dessas palavras se perdeu com a chegada do renascimento, época em que muitos vocábulos do Latim e do Grego foram resgatados e adicionados ao léxico português. Mas depois disso, muitos dos vocábulos árabes perdidos retornaram ao português por influência de outras línguas neolatinas (SILVA, 1996).

Das palavras árabes presentes no português contemporâneo, a maioria é de substantivos concretos, embora haja também verbos, como *afagar*, alguns adjetivos, como *mesquinho*, além de algumas poucas interjeições como *arre* e *oxalá*, que deriva de *wa xā 'llāh* (“e queira Deus”), e do interessante caso da preposição *até*, única palavra gramatical árabe no português, que deriva de *ataa*. Digna de nota também é a palavra *aljamia*, cuja importância é ressaltada por Houaiss (1986, *online*):

Há uma palavra sagrada, para esse tipo de estudo: é a palavra *aljamia*, que significa, ao pé da letra, a [língua] estrangeira; mas *aljamia* era empregada em dois sentidos: era o português, do ponto de vista árabe, ou era o árabe, do ponto de vista português. A palavra é ambígua, mas de riqueza crucial, porque, nela também, há elementos graças aos quais se pode fazer toda essa cronologia da entrada das palavras árabes no português.

Igualmente notável é a palavra *algaravia*, que hoje significa gritaria, confusão, mas que, na época da ocupação moura no atual território português, significava “a

língua árabe”, e que um tempo após a reconquista recebeu o novo significado pelo fato de que o árabe não fazia mais parte do cotidiano português e era, portanto, algo ininteligível.

Alguns exemplos de palavras que permanecem no vocabulário português são *algoz, azulejo, laranja, tâmara, alqueire, arroba, alfândega, açúcar, arroz, açafão, almoxarife, cenoura, fulano e armazém*. É importante notar que a maioria das palavras inicia com a letra a, ou, mais comumente, com a sílaba al. Isso ocorre porque na língua árabe o artigo que antecede os substantivos é al, e os berberes, por não possuírem artigos em sua língua materna, ao aprender o árabe formavam uma só palavra com o substantivo e o artigo. Já que os berberes formavam uma grande parte da comunidade moura na Ibéria, muitas palavras acabaram entrando no português primitivo de acordo com o falar berbere.

Assim, enquanto muitas palavras que entraram no português e espanhol, línguas que tiveram contato com os berberes, iniciam com *a* ou *al*, em outros idiomas neolatinos, como o italiano, que foi influenciado diretamente pelos árabes do Oriente por causa das Cruzadas e das rotas comerciais, as palavras geralmente não possuem essas partículas. Carlo Tagliavini, em *Origini delle Lingue Neolatine* (1964), nos dá bons exemplos: *açúcar* e *açafão*, em português, *azúcar* e *azafrán*, em espanhol, e *zuccher* e *zafferano*, em italiano (do árabe *(as-)sukkar* e *(az-zafaran)*).

Ao se comparar essas três línguas, pode-se perceber que existem muitos cognatos provenientes do árabe. É válido ressaltar que muitas delas se referem a termos das ciências, como cifra, alquimia, álcool, zênite e zero, além da incógnita X, que foi introduzida pelos árabes na matemática. Outra palavra digna de nota é algarismo, que vem do nome do matemático árabe al-Khwarizmi, autor do célebre *Livro Compêndio sobre Cálculo em Restauração e do Balanceamento*, obra matemática histórica que trata de resolução de equações e que também apresenta o termo “al-ğabr”, que no português e em outras línguas viria a se tornar *álgebra*.

Além das palavras relativas à ciência, Faulstich e Carvalho (2006, p. 4), trazem bons exemplos de como o léxico árabe penetrou no português em diversas áreas:

- Vocabulário de natureza político-social, como *alcaide, alferes, almoxarife, alfândega* etc.
- Vocabulário comum, como *alcova, argola, alicate, alfaiate* etc.

- Vocabulário de agricultura, como *açafrão*, *alecrim*, *alfazema*, *algodão* etc.
- Vocabulário de frutos, como *laranja*, *lima*, *limão*, *tâmara* etc.
- Vocabulário de pesos e medidas, como *alqueire*, *arrátel*, *arroba*, *quintal* etc.
- Vocabulário de alimentos, como *açorda*, *açúcar*, *aletria*, *almôndega*, *arroz* etc.
- Vocabulário de toponímia, como *Alfama (refúgio)*, *Alcântara (ponte)*, *Almada (mina)* etc.

O professor e pesquisador Antônio José Chediak proferiu, no I Festival da Cultura Árabe, em 1972, um texto, transcrito a seguir, que demonstra perfeitamente a utilização do léxico de origem árabe no cotidiano brasileiro:

Uma história. Suponhamos, primeiramente, um casal com um filho, em algum lugar do Brasil. Altair, recém-casada, mora nos arrabaldes ou arrebalde de uma aldeia do interior, põe o seu vestido de chita e o xale. Pega o garoto, um azougue de menino, lava-o e passa-lhe talco. Se o garoto tosse, dá-lhe uma colher de xarope, empapa o algodão em cânfora ou alcânfora e faz massagem nas suas costas. Vai à cisterna, prende a azêmola na argola da manjorra, põe água na modesta jarra. Vai fazer café e adoça-o com saboroso açúcar-cândi. O marido, um mameluco, conhecido pela alcunha Boca-Torta, bem cedinho, já se levanta com alguns achaques-enxaqueca, põe as ceroulas (no interior muita gente ainda as usa), o terno cáqui, bem lavadinho com anil, toma um trago de conhaque de alcatrão São João da Barra ou, se não o tem, vai ao alambique, sorve um gole de jeropiga. Toma a tarrafa e vai pescar no açude. Outras vezes, prefere caçar javali; limpa o azinhavre da espingarda de grosso calibre, sai com o fraldigueiro chamado Sultão e volta com algumas arrobas de carne às costas. À hora do almoço, Altair lhe traz umas azeitonas. Senta-se com ele, e principiam uma salada de alface bem regada a azeite. Vêm depois o espinafre, a cabidela, a carne ou peixe escabeche, ou com alcaparra, que ingere com arroz bem soltinho. Ela lhe oferece um prato com acelga ou celga, que rejeita. Prefere alcachofra, por causa do fígado. Vai tomando frescos de tamarindo. À sobremesa, uma boa laranja seleta. Terminado o almoço, descansa, recostando a cabeça na almofada. A casa é modesta, de adobe, mas o alicerce é firme. As janelas não têm alizares. Num pequeno jardim, florescem açucenas ou cecéns e alecrim. Depois da sesta, sai a trabalhar. Mete algum dinheiro na algibeira, algum alimento no alforje e segue para o campo. Tem alguns alqueires de terra. De volta, pára no alfaiate para experimentar um terno. Depois, entra no armazém para algumas compras. Muita gente. Azáfama. À saída, um pobre, cheio de salamaleques, pede-lhe esmola. Não é um nababo, mas também não é um mesquinho. Dá-lhe uns níqueis. Um troço de policiais, com vistosos dólman, passa ao som de tambores, caminho do aljube. É o reforço que chega. A região foi invadida por uma cáfila de assaltantes. O mameluco tira o chapéu. Passa um ataúde a caminho do cemitério. E retorna à casa. (CHEDIAK, 1972, p.1).

Por se tratar de um discurso proferido quatro décadas atrás, alguns vocábulos acima mencionados já saíram de uso, mas apesar disso, a leitura desse texto é imensamente útil a este estudo.

2 O ÁRABE E O PORTUGUÊS NO BRASIL

2.1 Os escravos malês

A língua portuguesa, já formada e então falada não apenas na Península Ibérica, mas em todos os continentes, por causa da expansão ultramarina portuguesa, se encontrou novamente com o árabe em terras brasileiras séculos depois.

Durante a colonização do Brasil, especialmente no século XIX, muitos africanos foram trazidos como escravos, e, como afirma Abreu (2009, p. 269), embora muitas partes da África fossem evoluídas e com idiomas bem estruturados, “para aqueles que praticavam o comércio e o tráfico negreiro, os escravos eram vistos como ‘boçais’, pela mera razão de não entenderem os dialetos que falavam”.

Entre esses escravos havia também muitos muçulmanos, oriundos de partes arabizadas da África. Muitos deles eram alfabetizados em árabe, por ser o idioma do Alcorão. Esses escravos eram chamados de malês e, por seu alto nível de educação, foram responsáveis por muitas revoltas contra a escravidão, pela conversão de vários outros escravos africanos ao islamismo, e também pela formação de alguns quilombos.

Esses escravos, por serem escolarizados, se destacaram dos demais, se tornaram vendedores ambulantes de especiarias e tapetes na Bahia, e acabaram exercendo influência sobre a cultura e o idioma local por causa de sua fidelidade às tradições e ao idioma de sua região materna. De seu legado temos hoje no vocabulário do português brasileiro palavras do léxico da religião e da culinária, como *vatapá* e *abadá*.

2.2 Imigração libanesa no Brasil

D. Pedro II, imperador e intelectual brasileiro, tinha muito interesse pelo idioma árabe, tendo estudado o idioma no Brasil e visitado países como Síria, Líbano e Palestina. Após sua visita ao Líbano, D. Pedro II passou a incentivar a

vinda de libaneses ao Brasil. Assim, a partir da segunda década do século XIX, centenas de libaneses passaram a aportar no território brasileiro.

Abreu e Aguilera (2010, p.20) observam que a diferença entre os libaneses e imigrantes de outras nacionalidades que chegavam ao Brasil nesse período é que, enquanto japoneses, alemães e outras etnias se isolavam em colônias para praticar a agricultura, o que funcionava como um tipo de “ilha linguística”, os imigrantes de origem libanesa se espalharam pelo país praticando o comércio, e assim logo tiveram contato com os falantes de língua portuguesa.

A maior parte dos libaneses no Brasil se divide entre cristãos e muçulmanos, que, ao se estabelecerem aqui, se preocuparam em manter suas tradições. Assim, os cristãos, que foram os primeiros a chegar ao país, se reuniam em piqueniques com familiares e amigos, mantendo a tradição culinária típica, enquanto os muçulmanos logo se ocuparam de construir mesquitas para preservar suas práticas religiosas.

É interessante destacar que, segundo o portal de notícias do Senado,

a comunidade libanesa que vive no Brasil, formada em sua maioria por descendentes, é maior do que a população do Líbano. São quase 10 milhões de libaneses e descendentes em território brasileiro, contra 3,5 milhões que vivem no Líbano. (AGÊNCIA SENADO, *online*).

Embora os libaneses tenham se espalhado pelo Brasil, muitas famílias se estabeleceram na cidade de Londrina, no Paraná, onde iniciaram uma comunidade libanesa que acabou por atrair imigrantes árabes de outras etnias. Com o objetivo de aproximar os integrantes dessa comunidade, surgiu o Jornal *Voz Árabe*, um jornal escrito em árabe e português, que apresenta notícias do mundo árabe e da cidade de Londrina. Além disso, os integrantes muçulmanos da comunidade criaram a Escola de Árabe com o intuito de ensinar a língua e a tradição islâmicas aos seus descendentes (ABREU, 2009).

Como mencionado anteriormente, por terem se estabelecido nas cidades e por terem se envolvido com o comércio, os libaneses puderam ter muito contato com os brasileiros, e dessa forma foram influenciados pela cultura local e influenciaram a língua portuguesa. Embora existam ainda poucos estudos acerca da influência da imigração libanesa no português brasileiro, alguns estudiosos já indicam alguns vocábulos árabes que entraram no português por via desses imigrantes.

A maioria desses vocábulos refere-se à culinária libanesa. Por não terem correspondente no português, os pratos típicos acabam mantendo seus nomes originais, adequando-se apenas, quando necessário, à escrita do português, como é o caso de esfirra, quibe e tabule.

3 O ÁRABE NA CULTURA POPULAR BRASILEIRA

3.1 Equívocos do olhar brasileiro sobre o Oriente Médio

Após o atentado às torres do World Trade Center nos Estados Unidos, em 2001, o mundo voltou seus olhos para o mundo árabe com um sentimento de medo e repúdio ao terrorismo. A verdade, porém, é que o atual costume de classificar todos os árabes como terroristas é equivocado e injusto, e é lamentável o fato de que uma minoria de extremistas islâmicos manche uma cultura antiga, rica e que comprovadamente trouxe grandes contribuições à cultura ocidental. A cultura árabe, a despeito do preconceito gerado pelo extremismo islâmico, sempre esteve presente no imaginário brasileiro como algo exótico e até mágico.

Outro equívoco costumeiramente cometido por brasileiros ao olhar para o Oriente Médio é o de considerar todos os povos que habitam a região, à exceção dos judeus, como árabes. O povo árabe é heterogêneo por natureza, e o Islã é uma grande força unificadora de cultura entre os povos meio-orientais, mas é importante levar em consideração que há outros povos no Oriente Médio além dos árabes e judeus. Um desses povos é o persa, que apesar dos elementos comuns difere do povo árabe pela sua origem e história.

O povo persa é o povo que habita principalmente a região hoje conhecida por Irã, e também partes do Afeganistão, do Iraque e do Tadjiquistão. São os descendentes do antigo império Persa, estabelecido por Ciro em 550 a.C. Já os árabes são um povo heterogêneo formado principalmente pelos beduínos que habitavam a península arábica. Com a expansão do Islã, a língua árabe também foi grandemente difundida, e hoje é comum identificar como árabes os falantes maternos dessa língua.

Os dois povos, por serem vizinhos, por professarem – majoritariamente – a mesma religião e por haverem convivido por muito tempo por causa de invasões e guerras, possuem muitos elementos culturais em comum, há inclusive várias palavras cognatas nos idiomas árabe e persa, muito embora o persa seja uma língua indo-ariana e o árabe seja uma língua semítica.

No Brasil, as duas culturas aparecem de forma mista. Boa parte dos elementos que conhecemos como árabes na verdade são persas, assim como muitas das palavras árabes no vocabulário português são de origem persa, mas entraram no nosso léxico pelo idioma árabe. Desta forma, é necessário enfatizar que muitos dos elementos citados nesta seção do trabalho são de origem persa e foram assimilados pelos árabes, que os trouxeram para o Brasil.

3.2 Cultura árabe no Brasil

É notável a facilidade com que se encontra culinária árabe no Brasil. Como mencionado anteriormente, uma das formas com que os imigrantes libaneses mantiveram suas tradições foi a cozinha típica. Daí vêm as palavras relacionadas à culinária árabe que hoje fazem parte do vocabulário brasileiro. Esfirras, quibes e pães sírios são encontrados tanto em lanchonetes e padarias quanto nos vários restaurantes especializados em comida árabe no Brasil, com outros pratos orientais típicos como tabule, arroz com lentilhas e kafta. Há também muitos resultados da presença árabe na Península Ibérica que vieram para o Brasil pela colonização portuguesa, como afirma Oswaldo Truzzi (2007):

Na culinária, difundiram o uso do café, de doces próprios e produtos de pastelaria, do azeite (do árabe *az-zayt*) em substituição à proibida gordura de porco, e de muitos outros temperos, como o açafrão (*az-zaHafrân*), a noz moscada, o cravo, a canela, pimentas e outros condimentos.

Além da culinária, muitos arabistas contribuíram para a divulgação da cultura árabe em outros meios nas terras tupiniquins. Entre eles merece destaque Júlio César de Melo e Sousa, célebre escritor e matemático brasileiro conhecido por seu heterônimo, Malba Tahan. Estudioso do idioma e da cultura árabe, Malba Tahan escreveu vários livros, destinados a crianças e adolescentes, que remetiam à cultura oriental.

Muitos de seus livros eram constituídos de contos que exaltavam virtudes como a honestidade e a sabedoria, como *Contos e Lendas Orientais* e *O Livro de Aladim*. Outros eram romances, como *A Sombra do Arco-Íris*, livro dividido em 3 volumes e que se faz notável por trazer em seu texto enorme quantidade de poemas de célebres poetas brasileiros e estrangeiros.

Entretanto, o livro que se faz mais digno de nota é *O Homem que calculava*, que se tornou famoso por apresentar a matemática como algo simples e que pode ser usado na resolução de problemas cotidianos. *O Homem que calculava*, além de, por muito tempo, ter sido de leitura obrigatória no ensino médio, também foi traduzido para várias línguas e lido em vários países.

Tahan escreveu outros livros relacionados à matemática, além de livros didáticos, e muitos outros relacionados à cultura árabe, da qual era defensor e divulgador, especialmente por meio de contos:

A característica principal da alma asiática está, em verdade, na sua capacidade de renúncia à realidade, na sua tendência, permanente para o sonho, no predomínio, em suma, da imaginação. E nenhum povo no Oriente, exceção do chinês que vai até a eliminação da personalidade, é mais meditativo que o árabe. Isso, mais do que as circunstâncias históricas, contribuiu para que ele fizesse do conto fantástico a sua fórmula literária preferida. E como os contos são leves, e as viagens eram longas, adotaram eles as histórias infundáveis como as travessias surpreendentes como o Deserto, as narrativas, compondo assim coletâneas opulentas, equivalentes pela novidade e frescura das criações, às grandes obras da literatura do Ocidente. (TAHAN, 1963, pp. 8-9).

Não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, a cultura árabe é motivo de interesse e curiosidade. Existem vários ícones da cultura pop que estão relacionados ao Oriente Médio, como *Lawrence da Arábia*, premiado filme inglês que conta a história de T. E. Lawrence, um inglês que luta juntamente com os árabes pela libertação do domínio turco na Península Arábica.

Existem também referências ao mundo árabe em jogos de *role-playing game* (RPG) como *Príncipe da Pérsia* (Brøderbund, lançado em 1989), jogo inspirado nas *Mil e uma Noites* e no sufismo, corrente mística do Islamismo. Na série Super Mario (Nintendo, lançada em 1985), há um deserto, chamado *Dry Dry Desert* (Deserto Seco Seco), onde há ruínas e um entreposto comercial em que os personagens usam túnicas típicas dos beduínos e guardam segredos milenares.

Digno de nota também é o jogo *Assassin's Creed* (Ubisoft, lançado em 2007), que é inspirado na história da Ordem dos Assassinos, seita islâmica fundada por Hassan-I Sabbah na época das cruzadas com o objetivo de defender a teologia xiita por meio do terror. Um aspecto interessante sobre esse jogo é o seu olhar multicultural, abrangendo tanto os templários ocidentais quanto os sarracenos orientais.

Voltando para a literatura, há uma grande referência ao mundo árabe num dos livros da série *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, escritor irlandês. Em *O Cavalo e Seu Menino*, o personagem principal é um adolescente que, nascido em Nárnia, foi parar na Calormânia, reino que é descrito por Lewis como os países do Oriente Médio por estar no deserto e possuir várias características orientais, como os jardins com fontes e canais, os terraços, as liteiras e os turbantes cheios e coloridos.

Além disso, a tradição árabe está presente em histórias e contos conhecidos por grande parte dos brasileiros. Exemplo disso é o conto *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, do *Livro das Mil e Uma Noites*, conhecido, de alguma forma, pela maioria dos brasileiros, e que trouxe a famosa expressão “abre-te Sésamo”. O *Livro das Mil e Uma Noites*, que na verdade tem origem persa, tem outros contos que são conhecidos em todo o Brasil, como *Simbad e Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*.

Merece destaque esse último, porém, cuja adaptação, produzida pela Disney, foi uma das primeiras animações a mostrar personagens de outra cultura que não a europeia. A história de Aladim tem vários elementos fantásticos tipicamente árabes, como um gênio poderoso e um tapete voador, e todos esses elementos, embora reconhecidos e assimilados pelos brasileiros, ainda assim trazem consigo o sentimento do exótico e do diferente, o que mostra um paradoxo: apesar de tantos traços culturais assimilados pela cultura popular brasileira e da enorme influência linguística e científica, o mundo árabe continua sendo o símbolo do exotismo.

4 200 PALAVRAS DE ORIGEM ÁRABE NO LÉXICO COTIDIANO BRASILEIRO

Os vocábulos a seguir foram selecionados com base nos textos de Silva (1996), Houaiss (1986), Chediak (1972) e Abreu (2009). As definições e as notas foram tiradas do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003) com exceção dos vocábulos *Aldabarã*, *até* e *cabide*, cujas definições, assim como as notas, foram retiradas do *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa* (1974).

A composição dos verbetes é:

+entrada +categoria gramatical +gênero +definição ±nota +origem árabe
±significado original no árabe

As definições podem passar por adaptações de acordo com a necessidade da informação neste trabalho.

Modelo:

Fulano *s.m.* Indivíduo indeterminado; [tratamento vago e indeterminado, geralmente atribuído àquele cujo nome não se conhece ou a quem, intencionalmente, não se deseja nomear]. ár. *fulān* 'alguém, um certo, um determinado (indivíduo)'

As siglas utilizadas são as seguintes:

2g. dos dois gêneros

adj. adjetivo

ár. árabe

f. feminino

interj. interjeição

m. masculino

pl. plural

prep. preposição

s. substantivo

v. verbo

1. **Açafrão** *s.m.* Erva da família das iridáceas, nativa da Europa e cultivada desde a Antiguidade para uso na culinária e no fabrico de bebidas e corantes (adapt.). ár. *az-zaHafrān*
2. **Acelga** *s.f.* Plantas da família das quenopodiáceas especialmente cultivadas pelas folhas grandes, consumidas em saladas e ensopados, e outras pelas suas folhagens ornamentais (adapt.). ár. *as-silqa*
3. **Achaque** *s.m.* Mal-estar ou doença sem gravidade (adapt.). ár. *ax-xaqq* ‘dúvida, suspeita’
4. **Açoite** *s.m.* Instrumento de tiras de couro que serve para castigar; azorrague, chicote (adapt.). ár. *as-sawt*
5. **Açorda** *s.f.* Caldo transparente, temperado com coentros e alho, que se despeja sobre fatias de pão e se come geralmente com um ovo escalfado, entre outros acompanhamentos (adapt.). ár. *ath-thorda* ‘sopa de pão, migas de pão cozido, iguaria feita com pedaços de pão a que se acrescenta carne’
6. **Açougue** *s.m.* Local onde se abatem animais para consumo (adapt.). ár. *as-sūq* ‘mercado, feira’
7. **Açúcar** *s.m.* Substância doce solúvel em líquido, fabricada industrialmente e extraída especialmente da cana-de-açúcar e da beterraba (adapt.). ár. *as-sukkar*
8. **Açucena** *s.f.* Designação comum a plantas da família das amarilidáceas, geralmente ervas bulbosas, com folhas ensiformes, lineares e flores muito vistosas (adapt.). ár. *as-sūsāna* ‘nome de unidade de sūsān, ‘lírio’
9. **Açude** *s.m.* Lago que se forma por represamento (adapt.). ár. *as-sudd* ‘obstáculo, obstrução, represa’
10. **Adufe** *s.m.* Tipo de pandeiro quadrado de origem árabe (adapt.). ár. *ad-duff* ‘pandeiro’
11. **Afagar** *v.* Fazer(-se) afago, carinho; acariciar(-se), acarinhar(-se), mimar(-se) (adapt.). ár. *hālaqa* ‘tratar com bondade, alisar, polir’
12. **Alarde, alardo** *s.m.* Atitude exibicionista e ostentosa (adapt.). ár. *al-Hard* ‘revista de tropas; exposição, acontecimento’
13. **Alaúde** *s.m.* Instrumento de cordas dedilhadas de origem árabe, com larga difusão na Europa da Idade Média ao Barroco. ár. *al-Haud* ‘lenha, em geral; pedaços de aloés que se queimam como incenso; alaúde’

14. **Alazão** *s.m.* e *adj.* Que ou o que tem o pelo cor de canela, com uma tonalidade simultaneamente castanha e avermelhada (diz-se de cavalo). ár. *al-‘azâ ar* (origem controversa)
15. **Alcachofa, alcachofra** *s.f.* **Alcachofre** *s.m.* Erva com altura de até 1 m da família das compostas, de caules estriados, folhas penatífidas e grandes capítulos florais; alcachofra-hortense (adapt.). ár. *al-kharxofâ*
16. **Alcaçuz** *s.m.* Designação comum a plantas da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, e outras de diferentes gêneros e famílias, por alguma semelhança com aquelas, especialmente quanto às raízes ou aos rizomas adocicados (adapt.). ár. *Harq as-sūs* ‘fibra, raiz do alcaçuz’
17. **Alcaide** *s.m.* Antigo funcionário incumbido de cumprir as determinações judiciais; oficial de justiça (adapt.). ár. *al-qaid* ‘que conduz, que guia; capitão, chefe, comandante’
18. **Alcanfor** *s.m.*, **alcanfora, cânfora** *s.f.* Substância constituinte da natural da madeira da canforeira e obtida sinteticamente a partir do pineno (adapt.). ár. *al-kafûr*
19. **Alcântara** *s.f.* Ponte de pedra (adapt.). ár. *al-qanţarâ* ‘ponte, viaduto, aqueduto’
20. **Alcateia** *s.f.* Bando ou grupo de lobos (adapt.). ár. *al-qaţîH* ‘manada, rebanho’
21. **Alcatra** *s.f.* No gado vacum, ponto onde termina o lombo, à altura dos rins, e que tem por base os ossos íliacos; o quarto traseiro das reses (adapt.). ár. *al-qatra* ‘parcela, pedaço, talhada, gota’
22. **Alcatrão** *s.m.* Fracção pesada da destilação do carvão vegetal ou mineral que se compões de vários hidrocarbonetos aromáticos, usado como desinfetante, matéria prima para inseticidas, corantes, fármacos etc. (adapt.). ár. *al-qatran* ‘resina, alcatrão’
23. **Alcatraz** *s. m.* Atobá-pardo (adapt.). ár. *al-ğatţâs* ‘mergulhão (ave)’
24. **Álcool** *s.m.* Classe de compostos orgânicos de fórmula R-OH na qual R é um radical alquilo [usado em petroquímica, farmacologia, em solventes, bebidas etc.; informalmente substitui designações como álcool etílico ou etanol] (adapt.). ár. *al-koḥól*
25. **Alcorão, Corão** *s.m.* Livro sagrado que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos ou maometanos (adapt.). ár. *al-qurân* ‘o que deve ser lido, a leitura (por excelência)’

26. **Alcova** *s.f.* Aposento, adjacente a uma sala e de dimensões reduzidas, destinado a servir de dormitório (adapt.). ár. *al-qubba* 'abóboda, cúpula; quarto pequeno adjacente a uma sala'
27. **Alcunha** *s.f.* Epônimo (nome de animal, planta, topônimo etc.) que se acrescentava ao nome próprio como um sobrenome (adapt.). ár. *al-kunya* 'sobrenome, cognome'
28. **Aldabarã, Aldebarã** *s.f.* Estrela, constelação das Plêiades. ár. *al-dabaran*
29. **Aldeia** *s.f.* Povoação de pequenas proporções, menor que a vila; povoação rural, povoado (adapt.). ár. *aḍ-ḍayḥa*
30. **Alecrim** *s.m.* Arbusto aromático da família das labiadas, de folhas lineares, flores azul-pálidas, por vezes brancas ou róseas, e aquênios ovoides (adapt.). ár. *al-iklīl*
31. **Aletria** *s.f.* Massa de farinha de trigo crua e seca, em fios muito delgados, usada em sopas ou, em pratos doces, combinada com leite, ovos e açúcar (adapt.). ár *al-itriâ*
32. **Alface** *s.f.* Erva da família das comportas, de folhas grandes, geralmente obovadas e em rosetas, verde-claras ou violáceas, sinuosas ou dentadas, de flores amarelas e aquênios com sementes pequeninas (adapt.). ár. *al-khass*
33. **Alfafa, alfalfa** *s.f.* Erva ereta, de 5 a 15 m ou mais, de flores azuis ou violáceas e vagens helicoidais, nativa do Sudoeste da Ásia, cultivada como melífera e mundialmente como forrageira, com variedade e híbridos adaptados aos climas mais diversos. ár. *al-ḥalfā*
34. **Alfageme** *s.m.* Barbeiro ou sangrador que, além das suas funções habituais, também limpava e afiava armas brancas (adapt.). ár. *al-ḥadjdjām*
35. **Alfaia** *s.f.* 1. Qualquer móvel ou utensílio usado numa casa 2. Objeto utilizado como adorno; enfeite, joia (adapt.). ár. *al-hāiâ* 'necessidade, pedido, negócio; bagagem, utensílios'
36. **Alfaiate** *s.m.* Aquele que faz roupas de homem e, por vezes, vestuário feminino com talhe masculino (costumes, casacos, fatos etc.) (adapt.). ár. *al-ḥayyât*
37. **Alfândega** *s.f.* Repartição pública, geralmente localizada nas fronteiras de uma região, país etc., onde se inspecionam bagagens e mercadorias em trânsito e onde se efetua a cobrança das taxas correspondentes de entrada e saída; aduana (adapt.). ár. *al-fundaq* 'estalagem, hospedaria, alojamento de mercadores e das suas mercadorias'

38. **Alfarroba** *s.f.* Fruto da alfarrobeira; farroba. ár- *al-harruba* ‘alfarrobeira’
39. **Alfazema** *s.f.* Planta família das labiadas, geralmente cultivadas como ornamentais e especialmente para extração de óleo essencial, usada em perfumaria, medicina e vernizes para pintura em porcelana; lavanda (adapt.). ár. *al-huzâma* ‘lavanda (planta aromática)
40. **Alfeire** *adj.* 1. Que não tem crias (diz-se de gado) • *s.m.* 2. curral ou cercado onde se recolhem ou criam porcos; pocilga 3. vara de porcos com idade inferior a um ano e meio (adapt.). ár. *al-hair* ‘cercado, horta, curral’, depois ‘gado, rebanho de ovelhas que não tiveram ou estão para ter crias’
41. **Alferes** *s.m.* 1. Porta-bandeira 2. Posto militar do Exército e da Força Aérea, a seguir a aspirante e antes de tenente (no Brasil, a designação foi substituída pela de segundo-tenente) (adapt.). ár. *al-fâriz* ‘cavaleiro, escudeiro’
42. **Alfinete** *s.m.* Pequena haste de metal, fina, aguçada numa extremidade e arredondada ou dilatada na outra, usada para prender ou segurar peças de vestuário, papéis etc. (adapt.). ár. *al-filed*
43. **Alforge** *s.m.* Duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; usado ao ombro, para distribuir o peso dos dois lados (adapt.). ár. *al-khurj* ‘saco que se leva ao lado, na sela; sacola, saco de viagem’
44. **Alforria** *s.f.* 1. Liberdade que se concede ao escravo; manumissão 2. Qualquer libertação, emancipação. ár. *al-hurrîta* ‘estado de homem livre, não escravo; liberdade’
45. **Algaravia** *s.f.* 1. Fala ou escrita árabe 2. Fala muito confusa, incompreensível; charabiá 3. Coisa difícil de entender. ár. *al-arabiyya* ‘o árabe, a língua arábica’
46. **Algarismo** *s.m.* Cada um dos caracteres com que se representam os números (adapt.). ár. *al-Khwarizmi* ‘natural de Kharizmi’, alcunha de Abu Jafar Mohamed Ibn Musa (século IX, matemático árabe)
47. **Algazarra** *s.f.* 1. Grito ou alarido dos mouros quando iniciavam um combate 2. Vozeria, barulheira, tagarelada. ár. *al-gazârâ* ‘abundância, grande quantidade; ruído com ira, loquacidade’
48. **Álgebra** *s.f.* Parte da matemática elementar que generaliza a aritmética, introduzindo variáveis que representam os números (adapt.). ár. *al-djabr* ‘redução

(por causa das simplificações de escrita que essa técnica matemática tornou possíveis)

49. **Algema** *s.f.* Instrumento de ferro, constituído basicamente por duas argolas interligadas, para prender alguém pelos pulsos ou pelos tornozelos (adapt.). ár. *al-djamaa* ‘pulseira’

50. **Algibeira** *s.f.* Pequeno bolso integrado à roupa, geralmente cosido pelo lado de dentro do vestuário; sacola (adapt.). ár. *al-jihairâ* ‘pequeno saco em couro com vários bolsos, usado pelos cavaleiros’

51. **Algodão** *s.m.* Conjunto de pelos muito longos, achatados, por vezes retorcidos, entrelaçados e geralmente brancos que reveste as sementes de certas espécies dos género *Gossypium*, da família das malváceas (adapt.). ár. *al-qutun*

52. **Algoritmo** *s.m.* Sequência finita de regras, raciocínios ou operações que, aplicada a um número finito de dados, permite solucionar classes semelhantes de problemas (adapt.). Do antropônimo ár. *al-Khwarizmi* (matemático árabe do século IX), formou-se o ár. *al-Khwarizmi* ‘numeração decimal em arábicos’, que passou ao latim medieval algorismus

53. **Algoz** *s.m.* Carrasco, executor da pena de morte ou de outras penas corporais (como tormentos, açoites etc.) (adapt.). ár. *al-gozz*, nome da tribo onde geralmente se recrutavam os carrascos

54. **Alicate** *s.m.* Espécie de torquês o tenaz, própria para segurar, prender ou cortar determinados objetos, que se compõe de duas alavancas de ferro ou de aço que giram em torno de um eixo e cujas extremidades, lisas ou serrilhadas, podem ser chatas, recurvadas, cilíndricas ou em ponte (adapt.). ár. *al-liqāṭ* ‘tenazes’

55. **Alicerce** *s.m.* Maciço de alvenaria, geralmente abaixo da superfície, sobre o qual assentam as estruturas externas de uma construção; base, fundação (adapt.). ár. *al-isas* ‘base, fundamento’

56. **Alizar** *s.m.* Revestimento de madeira que cobre as ombreiras de portas e janelas (adapt.). ár. *al-izār* ‘vela muito ampla; lambril, apainelado’

57. **Aljamia** *s.f.* 1. Língua estrangeira (do ponto de vista do falante de árabe) 2. Língua árabe misturada com espanhol ou português que era falada em alguns pontos da Península ibérica, durante a dominação árabe (adapt.). ár. *al-Ḥadjamīa* ‘língua estrangeira, não árabe’

58. **Aljava** *s.f.* Coldre ou estojo sem tampa em que se guardavam e transportavam as setas, e que era carregado nas costas, pendente do ombro. ár. *al-adjaḥaba*
59. **Almanaque** *s.m.* Calendário com os dias e os meses do ano, os feriados, as luas, as festas etc.; folhinha; folheto que, além do calendário do ano, traz diversas indicações úteis, poesias, trechos literários, anedotas, curiosidades etc. (adapt.). ár. *al-munākh* 'lugar onde o camelo se ajoelha; estação, clima; paragem numa viagem'
60. **Almirante** *s.m.* Posto militar mais alto nas Marinhas de guerra brasileira e portuguesa [no Brasil, é preenchido apenas em época de guerra.] (adapt.). ár. *al-mīr* 'chefe, príncipe'
61. **Almíscar** *s.m.* Substância de odor penetrante e persistente obtida a partir de uma bolsa situada no abdómen do almiscareiro macho, usada como fixador em perfumes (adapt.). ár. *al-misk*, 'proveniente do persa *musk* 'testículo'
62. **Almofada** *s.f.* Espécie de saco estofado (quadrado, retangular ou redondo) para encosto, ornato etc.; coxim (adapt.). ár. *al-muḥaddâ* 'coxim, travesseiro'
63. **Almofariz** *s.m.* Recipiente feito de materiais diversos (metal, pedra, madeira etc.), usado para triturar e homogeneizar substâncias sólidas; pilão, gral. ár. *al-miharās*
64. **Almôndega** *s.f.* Iguaria feita com carne picada ou moída, miolo de pão, ovos e diferentes temperos, e que, depois de frita, é servida geralmente com molho. ár. *al-bundqâ* 'bolinha'
65. **Almoxarife** *s.m.* O que é responsável pelo almoxarifado. (adapt.) ár. *al-muxarif* 'honrado, enobrecido, ilustre, nobre; tesoureiro, inspetor, intendente'
66. **Alparca, alparcata, alpargata, alpercata, alpergata**, *s.f.* Sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano. ár, *al-parkâ*
67. **Alqueire** *s.m.* 1. Antiga medida de capacidade usada sobretudo para cereais, mas de volume variável (na região de Lisboa equivalia a 13,8 litros) 2. Unidade de medida de superfície agrária. ár. *al-káil* 'unidade de medida para sólidos e líquidos'
68. **Alquimia** *s.f.* A química da Idade Média, que procurava descobrir a panaceia universal, ou remédio contra todos os males físicos e morais, e a pedra filosofal, que deveria transformar metais em ouro; espargiria, espargírica. ár. *al-kīmīa* 'pedra filosofal'

69. **Alvará** *s.m.* Documento de autoridade judiciária ou administrativa em favor de alguém e no qual se ordenam ou se autorizam determinados atos (adapt.). ár. *al-barāâ* ‘carta, cédula, recibo’
70. **Alvíssara** *s.m.* Recompensa oferecida a quem traz boas-novas (adapt.). ár. *al-bixrā* ‘boa-nova’
71. **Alvorço** *s.m.* Agitação, alteração de ânimo; inquietação, sobressalto (adapt.). ár. *al-burûz* ‘sair em grande pompa, com gritos de alegria, para receber alguém’
72. **Amálgama** *s.2g.* Designação genérica das ligas que contêm mercúrio, usadas em odontologia (especialmente na obturação de dentes) em espelho de prata, no garimpo do ouro etc. (adapt.). ár. *al-madjmaḤa* ‘fusão’
73. **Âmbar** *adj.* 1. Que tem um tom entre o acastanhado e o amarelado. • *s.m.* 2. A cor do âmbar-amarelo. ár. *Ḥanbar*
74. **Andaime** *s.m.* Estrado provisório de tábuas, fixo ou móvel, sustentado por armação de madeira ou metálica sobre o qual os operários trabalham nas construções (adapt.). ár. *ad-daḤaim*, plural de *ad-daḤamâ* ‘ pilar, coluna, esteio’
75. **Anil** *s.m.* Diz-se de certa tonalidade de azul (adapt.). ár. *an-nīl* ‘azul’
76. **Anta** *s.f.* Mamífero perissodáctilo, florestal, da família dos tapirídeos, que ocorre da Colômbia ao Sul do Brasil; de corpo robusto e de grande porte, chegando a pesar 250 kg, pelos lisos, curtos e de coloração castanho-escuro, nariz e lábio superior prolongados formando uma tromba (adapt.). ár. *lamṭa*
77. **Argola** *s.f.* Anel geralmente metálico com o qual se prende ou se puxa alguma coisa; aro (adapt.). ár. *al-ḡulla* ‘colar, cadeia’
78. **Armazém** *s.m.* 1. Edifício térreo, de amplas dimensões e sem divisões internas, usado como depósito de mercadorias, munições etc. 2. Estabelecimento comercial onde se vendem ao público gêneros alimentícios e diversos utensílios caseiros; mercearia (adapt.). ár. *al-maḥazân* ‘botica, celeiro, sótão, entreposto’
79. **Arrabalde** *s.m.* Parte de uma cidade ou povoação que fica fora ou nas adjacências dos seus limites; subúrbio (adapt.). ár. *ar-rabaḍ* ‘arredores de uma cidade’
80. **Arre** *interj.* 1. Voz com que se tocam animais de carga 2. voz que exprime enfado, zanga ou raiva. ár. *harr*, usado para precipitar a marcha das bestas.

81. **Arroba** *s.m.* Antiga unidade de medida de peso que corresponde a 32 arráteis. (cerca de 14,7 kg) (adapt.). ár. *ar-rubaḤa* ‘quarta parte, unidade de medida e peso’
82. **Arroz** *s.m.* Erva ereta com comprimento até 1 m, da família das gramíneas, com flores em espiguetas e cariopses coriáceas, provavelmente de origem asiática e cultivada há mais de 5.000 anos, com inúmeras variedades, pelos grãos, que constituem a dieta básica de grande parte da população mundial, especialmente da Ásia (adapt.). ár. *ar-ruzz*
83. **Arsenal** *s.m.* Estabelecimento oficial onde se fabricam e guardam aprestos militares para as forças armadas (adapt.). ár. *dār aṣ-ṣināḤa*
84. **Assassino** *s.m.* 1. Indivíduo que comete homicídio; homicida. • adj. 2. Que causa a morte de (adapt.). ár. *ḥaxxīḫīn* ‘consumidor de haxixe’ < persa *hassassin* ‘designação de uma seita ou tribo do Irã que, na época das Cruzadas, costumava consumir a erva antes de lutar contra líderes cristãos ou sunitas’
85. **Atabaque** *s.m.* Pequeno tambor de origem oriental (adapt.). ár. *aṭ-ṭabaq* ‘prato’
86. **Atalaia** *s.m.* Aquele que vigia, que observa; sentinela (adapt.). ár. *aṭ-ṭalāia*, plural de *ṭalaia* ‘lugar alto onde se exerce vigilância, sentinela’
87. **Atarracar** *v.* Preparar (a ferradura). batendo com o malho, para ajustá-la ao casco do animal (adapt.). ár. *ṭarrāqa* ‘dobra, prega de couro, chapa de ferro arredondada’
88. **Ataúde** *s.m.* Caixa longa com tampa onde o corpo de um morto é colocado para ser enterrado; caixão, esquife. ár. *at-tābūt* ‘arca, caixão’
89. **Até** *prep.* que indica o limite extremo de uma ação, ár. *hattà*.
90. **Atum** *s.m.* Designação comum aos peixes teleósteos perciformes da família dos escombrídeos, geralmente do gênero *Thunnus*; têm o corpo alongado, fusiforme e robusto, são marinhos, pelágicos e de grande importância para a pesca comercial e desportiva (adapt.). ár. *at-tunn* ‘designação de peixes marinhos’
91. **Auge** *s.m.* O ponto mais elevado; cume (adapt.). ár. *’awdj* ‘apogeu, o ponto mais alto do céu’
92. **Avaria** *s.f.* Qualquer dano, deterioração ou desgaste que ocorra a algo (adapt.). ár. *Ḥawāriya*
93. **Azáfama** *s.f.* Grande pressa e ardor na execução de um serviço (adapt.). ár. *az-zahma* ‘pressa, urgência, balbúrdia’

94. **Azar** *s.m.* Sorte contrária; revés, infelicidade, infortúnio (adapt.). ár. *az-zahr* ‘flor’, por extensão vulgar ‘dado’ porque se pintava uma flor numa das faces do dado
95. **Azeite** *s.m.* Substância líquida e gordurosa extraída da azeitona, usada na alimentação, lubrificação etc. (adapt.). ár. *az-zayt* ‘óleo, essência, azeite’
96. **Azeitona** *s.f* Fruto da oliveira; oliva (adapt.). ár. *az-zaytūna* ‘oliveira, azeitona’
97. **Azeviche** *s.m.* Variedade compacta de linhito, substância mineral de cor muito negra, de que são feitos objetos de adorno (adapt.). ár. *az-zabadj* ‘glóbulos negros’
98. **Azul** *s.m.* cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta (adapt.). ár. *lazūrd*
99. **Azulejo** *s.m.* Plaqueta cerâmica vidrada, de diversas cores e motivos, com que se guarnecem paredes, chãos etc. ár. *az-zuléidj*
100. **Beduíno** *s.m.* e *adj.* Relativo ao árabe ou nômade do deserto (adapt.). ár. *badawīn*
101. **Berberes** *s.m.* Grupo étnico nômade de origem camita que habita o Norte da África desde a pré-história, vivendo hoje principalmente nas regiões montanhosas e em parte do grande deserto (adapt.). ár. *berber*, derivado de *ber* ‘homem’
102. **Beringela** *s.f.* Planta da família das solanáceas, de flores violáceas e grandes bagas roxas, quase pretas (adapt.). ár. *bāndinjāna* e este do persa *bāndnjān* ‘planta e fruto’
103. **Bolota** *s.f.* Fruto do carvalho ou da azinheira (adapt.). ár. *ballūta* ‘fruto do carvalho’; nome e forma do fruto devem ter favorecido cruzamento morfológico e semântico com *bola*
104. **Cabide** *s.m.* Suporte de roupas, chapéus etc. ár. *qabda* ‘garra, gancho’.
105. **Cacife** *s.m.* Em certos jogos de aposta, especialmente os jogados por grupos restritos de parceiros, quantia mínima, previamente estipulada, que cada jogador deve depositar para participar do passatempo (adapt.). ár. *qafiz* ‘medida de secos’
106. **Café** *s.m.* Fruto do cafeeiro, considerado individual ou coletivamente (adapt.). ár. *qahwa* ‘vinho’, nome também aplicado ao café.
107. **Cáfila** *s.f.* 1. Grupo ou quantidade de camelos 2. Bando de gente, especialmente de indivíduos ordinários ou maus (adapt.). ár. *qâfila* ‘caravana’
108. **Califa** *s.m.* Sucessor do profeta Maomé, nas qualidades de guia ou líder temporal e espiritual da comunidade islâmica. ár. *halifa* ‘vigário, o lugar-tenente (de Deus na terra), sucessor de Mafona; o antigo chefe supremo dos muçulmanos’

109. **Cândi** *s.m.* Açúcar que resulta da cristalização da sacarose e que apresenta grandes cristais prismáticos. ár. *qândi* de *qand* ‘açúcar’
110. **Caravana** *s.f.* Grupo de peregrinos, de mercadores ou de viajantes que, por medida de segurança, se juntam ara viajar pelo deserto (adapt.). ár. *qairauān* do persa *kawan* ‘fila de camelos, grupo de viajantes’
111. **Carmesim** *s.m.* 1. A cor vermelha do carmim. •*adj.* 2. Que tem a cor do carmim (adapt.). ár. *qirmezī* ‘tinto de vermelho’, derivado de *qirmiz* ‘vermelhão, encarnado’
112. **Ceifa** *s.f.* Ação ou efeito de ceifar; aceifa, sega (adapt.). ár. *şayfa* ‘verão; colheita; cereal maduro’
113. **Cenoura** *s.f.* Raiz das variedades *D. carota*, subespécie *sativus*, alaranjada ou arroxeadada, rica em açúcar, carotenoides, glúten, ácido málico, flúor etc. Muitos usada na alimentação humana, crua ou cozida (adapt.). ár. *isfanāria*, pelo árabe vulgar *sānnārīa*
114. **Ceroulas** *s.f.pl.* Roupa masculina com duas pernas, usada sob as calças, que cobre da cintura até o tornozelo (adapt.). ár. *sarāwil*, f. pl. de ‘calças, calções’
115. **Cetim** *s.m.* Tecido de seda lustroso e macio cuja trama não aparece do lado avesso (adapt.). ár. *zaitūnī* ‘ da cidade de Zaytūn, nome árabe do topônimo Tseu-Thoung, cidade chinesa onde se fabricava o tecido’
116. **Chafariz** *s.m.* Fonte com uma ou mais bicas por onde corre água, na maioria das vezes fazendo parte de um conjunto arquitetônico (adapt.). ár. *şihrīd* ‘cisterna, tanque’
117. **Cifra** *s.f.* Sinal gráfico representado pelo algarismo zero (0), que não tem valor absoluto e serve para conferir valores relativos aos algarismos que o acompanham, segundo a posição que ocupam (adapt.). ár. *şifr* ‘vazio, cifra, zero’
118. **Cuscuz** *s.m.* Iguaria originária do Magreb (Norte da África), feita com sêmola moída e cozida a vapor, e que se serve com carne ou peixe, legumes e enchidos (adapt.). ár. *kuskus* ‘alimento preparado com sêmola’
119. **Emir** *s.m.* 1. Descendente de Maomé 2. Título dos governantes de certas tribos ou províncias muçulmanas. ár. *amīr* ‘chefe, comandante, príncipe’
120. **Enxaqueca** *s.f.* Cefaleia de causa desconhecida na qual ocorre constrição seguida de dilatação das artérias da cabeça, caracterizada por dor no meio do crânio, intensa e pulsátil, associada a problemas digestivos (náuseas e vômitos);

agrava-se com a luz, barulho e atividade física e apresenta evolução crônica e paroxística. ár. *ax-xaqiqa* ‘dor de cabeça’

121. **Enxoval** *s.m.* Conjunto de roupas e acessórios de quem se casa, seja do vestuário, seja para o serviço de casa (adapt.). ár. *ax-xawār* ‘dote de casamento’

122. **Esfirra**, *s.f.* Espécie de pastel de forno, feito de massa de trigo com recheio de carne moída, queijo ou verdura e temperos diversos. ár. dialetal sírio-libanês *işfiḥa*, da mesma raiz de ‘estender, aplanar, tornar lâmina’

123. **Faquir** *s.m.* Asceta que, na Índia, pratica a mendicância e submete-se a uma vida de privações, procurando atingir a perfeição espiritual a partir do controle sobre os sentidos (adapt.). ár. *faqīr* ‘pobre, miserável, mendigo’

124. **Fatia** *s.f.* Pedaco, cortado fino, de qualquer coisa comestível (adapt.). ár. *fitāta* ‘migalha’

125. **Fulano** *s.m.* Indivíduo indeterminado; tratamento vago e indeterminado, geralmente atribuído àquele cujo nome não se conhece ou a quem, intencionalmente, não se deseja nomear (adapt.). ár. *fulān* ‘alguém, um certo, um determinado (indivíduo)’

126. **Garfo** *s.m.* Utensílio de mesa, de dois, três ou quatro dentes numa das extremidades, usado para levar à boca alimentos sólidos ou segurar algum alimento a ser cortado (adapt.). ár. *gārfa* ‘punhado’

127. **Garrafa** *s.f.* Recipiente de gargalo e boca estreitos, geralmente de vidro, cristal ou louça e sem alça(s), destinado a conter líquido (adapt.). ár. –persa *garāba* ‘utensílio ara transporte de água’

128. **Gazela** *s.f.* Designação comum a diversos pequenos antílopes africanos e asiáticos, especialmente aqueles do gênero *Gazella*, de corpo esbelto, pernas longas e chifres espiralados, presentes em ambos os sexos. ár. *gazāla*

129. **Gengibre** *s.m.* Designação comum às ervas do gênero *Zingiber*, da família das zingiberáceas, com rizomas aromáticos, usados verdes, em xaropes ou em pó, na alimentação como medicinais em perfumaria etc (adapt.). ár. *zindjibīle*

130. **Gergelim** *s.m.* Erva da família das pedaliáceas, com folhas variáveis, geralmente penatipartidas e irregulares, flores hermafroditas, brancas, róseas, avermelhadas e purpúreas, com odor desagradável, e cápsulas lineares, nativa de regiões tropicais da África e da Ásia e muito cultivada pelas sementes (adapt.). ár. *djildjilān*

131. **Guitarra** *s.f.* Instrumento de cordas pinçadas com uma forma característica e dimensões variáveis, do gênero do alaúde, mas com o fundo geralmente plano, fixado à caixa ressonância por meio de costilhas (adapt.). ár. *kitâra*
132. **Harém** *s.m.* Conjunto de aposentos independentes, na casa de um sultão (príncipe), destinado à habitação das mulheres (adapt.). ár. *ḥaram, ḥarīm* ‘coisa proibida ou sagrada, local sagrado, santuário, parte da casa destinada às mulheres’
133. **Haxixe** *s.m.* Droga de efeito entorpecente preparada com a resina segregada pelas inflorescências femininas do cânhamo, cujo componente ativo é o tetraidrocannabinol (adapt.). ár. *ḥaxīx* ‘erva seca, em especial, o cânhamo, certa planta de suco inebriante’
134. **Hégira** *s.f.* A fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 da era cristã (adapt.). ár. *hidjra* ‘fuga; emigração’
135. **Hena** *s.f.* Arbusto da família das litráceas, nativo do Norte da África, com casca e folhas de que se prepara tintura castanho-avermelhada usada para tingir cabelos, flores perfumadas, brancas e frutos capsulares (adapt.). ár. *ḥinnā*
136. **Islã, islão** *s.m.* Civilização que se ergueu sobre a base da fé islâmica (adapt.). ár. *islām* ‘resignação, submissão (a Deus)’
137. **Jarra** *s.f.* Recipiente para líquidos; vaso, geralmente com asa e bico, usado para acondicionar ou servir água, vinho etc (adapt.). ár. *djarra* ‘vaso’
138. **Jasmim** *s.m.* Designação comum às plantas do gênero *Jasminum*, da família das oleáceas, com flores aromáticas, brancas, amarelas ou róseas, nativas de regiões tropicais, poucas de regiões temperada do Velho Mundo e das Américas, muitas cultivadas como ornamentais e pelas flores, usadas para aromatizar chá e para extração de óleo usado em perfumaria (adapt.). ár. *yāsmīn*
139. **Javali** *s.m.* Porco selvagem, encontrado no Velho Mundo, de pelagem cinzenta e áspera e grandes presas (adapt.). ár. *djabalī* ‘montês’
140. **Lacraia** *s.f.* Centopeia (adapt.). ár. *al-‘aqrab*
141. **Laranja** *s.f.* Fruto da laranjeira (adapt.). ár. *nārandja*
142. **Leilão** *s.m.* Venda pública de objetos, sob pregão de leiloeiro, em que os arremata quem oferece maior lance (adapt.). ár. vulgar *al-‘ālām* ‘pregão, anúncio’
143. **Lilás** *s.m.* Arbusto com um comprimento de até 6 m, da família das oleáceas, nativa da Europa, de folhas ovadas e luzidias, flores azuis, purpúreas ou brancas (adapt.). ár. *lilak*
144. **Lima** *s.f.* Fruto da limeira; lima-da-pérsia, limão doce. ár. *līmā*

145. **Limão** *s.m.* Fruto do limoeiro (adapt.). ár. *līmū*
146. **Mameluco** *s.m.* Mestiço de branco com índio ou de branco com caboclo (adapt.). ár. *mamlūk* ‘escravo, criado, soldados que guardam o sultão’
147. **Marfim** *s.m.* Material branco-leitoso, translúcido a opaco, mais compacto que o osso, que forma a parte central das presas de animais, como o elefante, o hipopótamo, o narval e a morsa; é usado na confecção de joias, esculturas e diversos outros artefatos (adapt.). ár. *Ḥazm al-fil* ‘osso do elefante; marfim’
148. **Mascate** *s.f.* Mercador ambulante, vendedor que oferece mercadorias a domicílio (adapt.). topônimo *Mascate*, de onde vieram árabes para o Brasil, a partir do início do século XVII, que exerceram a atividade de comércio.
149. **Masmorra** *s.f.* 1. Entre os mouros, celeiro subterrâneo que também servia de cárcere 2. prisão subterrânea 3. aposento lúgubre, sombrio e triste. ár. *maṭmūra* ‘prisão, calabouço’
150. **Matraca** *s.f.* Peça de madeira com uma plaqueta ou argola que se agita barulhentemente em torno de um eixo, usada especialmente como instrumento litúrgico em substituição da sineta durante a quinta-feira e sexta-feira da Semana Santa (adapt.). ár. vulgar *maṭraqa* ‘martelo, matraca para produzir ruído’
151. **Mesquinho** *adj.* Demasiadamente agarrado a bens materiais, a dinheiro; não generoso; ávaro, sovina (adapt.) ár. *miskin* ‘pobre, infeliz, desgraçado, coitado’
152. **Mesquita** *s.f.* Templo consagrado ao culto maometano; alcañiça. ár. *masdjid* ‘local onde alguém se prosterna, local de adoração’
153. **Minarete** *s.m.* Nas mesquitas, torre alta e fina, com três ou quatro andares e balcões salientes, de onde o muezim conclama os muçulmanos às orações; almádena. ár. *manāra* ‘lugar onde há luz, farol, torre do farol, torre de onde os fieis são chamados para a oração’
154. **Moçárabe** *s. 2g. e adj. 2g.* 1. Diz-se de ou cristão hispânico que vivia nas terras conquistadas pelos muçulmanos no Sul da Península Ibérica e que sofreu a influência destes, ou que descende de cristão hispânico que vivia nas terras ocupadas pelos muçulmanos 2. Diz-se de ou grupo de dialetos românicos falados pelos moçárabes (adapt.). ár. *must‘arab* ‘arabizado, tornado árabe’
155. **Nababo** *adj.* 1. Príncipe ou governador de província na Índia muçulmana entre os séculos XVI e XIX 2. Europeu que ocupava posição importante e enriquecia na Índia 3. Indivíduo muito rico que ostenta grande luxo (adapt.). ár. *nuwwāb* pl. de *nāib* ‘delegado’

156. **Nadir** *s.m.* Ponto da esfera celeste oposto ao *zênite*, que se situa na vertical do observador, diretamente sob os seus pés (adapt.). ár. *naẓir* ‘ponto diretamente oposto (ao zênite)’
157. **Nenúfar** *s.m.* Designação comum às ervas do gênero *Nymphaea*, da família das ninfeáceas, que reúne cerca de 50 espécies aquáticas, de distribuição subcosmopolita, muito cultivadas como ornamentais (adapt.). ár *nainūfar*, do sânscrito *nīlōtpala* ‘lótus azul’
158. **Nesga** *s.f.* Peça de pano triangular que se costura entre duas partes de uma peça de vestuário para aumentar sua largura (adapt.). ár. *nasdj* ‘tecido, entretecido’
159. **Oxalá** *interj.* Que expressa vivo desejo de que determinada coisa ocorra; queira Deus, prouvera a Deus, tomara, que assim seja. ár. *wa xā ‘llāh* ‘e queira Deus’
160. **Quibe** *s.m.* Iguaria árabe que se faz com carne bovina moída e trigo integral, condimentados com pimenta-da-jamaica, hortelã, cebola etc (adapt.). ár *quibba*
161. **Quilate** *s.m.* Quantidade de ouro contida numa liga (adapt.). ár. *qirāṭ* ‘certa unidade de peso; certa moeda’
162. **Quintal** *s.m.* Antiga medida de massa, equivalente a quatro arrobas. ár. *quintār* ‘certa medida de peso’
163. **Rabeca, rebeca** *s.m.* Instrumento medieval precursor do violino, de três ou quatro cordas, o corpo em forma de pera, usado pelos menestréis para acompanhar o canto e a dança (adapt.). ár. *rabāb*
164. **Ramadã, Ramadão** *s.m.* Nono mês, de 30 dias, do calendário islâmico, durante o qual os muçulmanos devem jejuar do levantar ao pôr do Sol (adapt.). ár. *ramaḍān*, do verbo *ramiḍa* ‘ser ardente, escaldar’, pois o mês coincidia com a época mais quente do ano
165. **Recife, arrecife** *s.m.* Formação rochosa, à flor da água ou submersa, geralmente próxima à costa, em áreas de pouca profundidade (adapt.). ár. *arraṣīf* ‘caminho pavimentado, parede de apoio, dique, muralha, cais’
166. **Refém** *s.m.* Em situações extremas, aquele que fica, contra a sua vontade, em poder de outrem, como garantia de alguma coisa será feita (adapt.). ár. *rihan* ‘prenda, penhor, refém’
167. **Resma** *s.f.* O conjunto formado por 500 folhas de papel. ár. *rizma* ‘pacote, embrulho’, derivado de *razam* ‘embrulhar’

168. **Safira** *s.f.* Variedade transparente de corindo de grande valor, contento pequenas quantidades de óxido de cobalto, de crômio e de titânio; usada como gema (adapt.). ár. *Şafîr*
169. **Saguão** *s.m.* Área coberta, como um alpendre, à entrada de um convento ou casa, da qual se passa aos pátios, corredores, escadas etc (adapt.). ár. *'uṣṭuwān'*
170. **Salamaleque** *s.m.* Saudação cerimoniosa entre os muçulmanos 2. cumprimento exagerado, polidez afetada (adapt.). ár. *salamḤalayk* 'a paz esteja contigo'
171. **Saramago** *s.m.* Nabo pouco desenvolvido (adapt.). ár. *sarmaq*
172. **Saudita** *s.2g.* e *adj.* Relativo à Arábia Saudita ou o que é seu natural ou habitante; saudi-arábico, saudita. antropônimo ár. *Ibn Saud*, de um rei da Arábia + *ita*
173. **Sucata** *s.f.* Ferro ou qualquer objeto de metal não precioso já usado e considerado inútil, que se refunde para poder ser novamente utilizado (adapt.). ár. *suqāṭa* 'o que cai; objeto sem valor'
174. **Sultão** *s.m.* Título que se dava ao imperador da Turquia (adapt.). ár. *sultān*
175. **Sunita** *s.2g.* Relativo a ou indivíduo dos sunitas, muçulmanos ortodoxos que reconhecem a autoridade dos quatro primeiros califas. ár. *sunni* 'legal, legítimo; que ou aquele que segue ou respeita a lei'
176. **Tabefe** *s.m.* 1. Espécie de caldo grosso feito com gemas batidas com açúcar e fervidas no leite 2. Bofetada, sopapo (adapt.). ár. *ṭabīḥ* 'cozido' passou a designar também 'bofetada' porque a farinha de trigo, que é um dos ingredientes cozidos no leite com açúcar, deve ser batida com a mão aberta'
177. **Taça** *s.f.* Copo cilíndrico com haste, usado para beber vinho, champanhe, conhaque etc (adapt.). ár. vulgar *ṭāsa* 'escudela, taça'
178. **Taifa** *s.f.* 1. Conjunto de homens da guarnição de um navio que cuida da sua proteção em caso de abordagem 2. Criadagem para o serviço dos oficiais de marinha. ár *ṭāifa* 'grupo, partido, povo, nação'
179. **Taifeiro** *s.m.* 1. Praça destinada ao serviço de copa, mesa e camarotes dos oficiais de marinha 2. Marinheiro ou soldado que fazia parte da taifa dos navios de guerra (adapt.). *taifa* + *-eiro*
180. **Talco** *s.m.* 1. Silicato de magnésio hidratado monoclinico, principal constituinte do esteatito, usado em objetos ornamentais 2. Este silicato reduzido a pó finíssimo, usado como veículo para medicamentos, cosméticos etc (adapt.). ár. *ṭalq*

181. **Tâmara** *s.f.* Fruto da tamareira; datil, dátil. ár. *tamara*
182. **Tamarindo** *s.m.* Designação comum às árvores do gênero *Tamarindus*, da família das leguminosas, subfamília cesalpinoídea, que compreende uma única espécie (adapt.). ár. *tamara hindī* ‘tâmara da Índia’
183. **Tambor**¹ *s.m.* Erva arbustiva da família das piperáceas, proveniente nativa da Índia e do Sudeste da Ásia, cultivada desde a Pré-História, especialmente pelas folhas, usadas no preparo do bétel (‘mastigatório’), e pelas raízes, que contêm óleos essenciais anti-sépticos. ár. *at-tambūl* ‘bétel, espécie de planta’
184. **Tambor**² *s.m.* Instrumento membranófono de altura variável (adapt.). ár. *aṭ-ṭanbūr* ‘guitarra’
185. **Tara** *s.f.* Desconto oferecido a cada mercadoria em função do peso de sua embalagem (adapt.). ár. vulgar *ṭarah* ‘desconto, dedução’
186. **Tarefa** *s.f.* Qualquer trabalho, manual ou intelectual, que se faz por obrigação ou voluntariamente (adapt.). ár. vulgar *ṭarīḥa* ‘quantidade de trabalho que se impõe a alguém’
187. **Tarifa** *s.f.* Tabela de taxas a pagar sobre mercadorias importadas (adapt.). ár. *taḥrīfa*
188. **Tarrafa** *s.f.* Rede de pesca circular, de malha fina, com pesos na periferia e um cabo fino no centro, pelo qual é puxada (adapt.). ár. *ṭarrāḥa*
189. **Tufão** *s.m.* Vento muito forte, ventania, vendaval, pé-de-vento (adapt.). ár. *tūfān* ‘inundação, dilúvio, cataclismo’
190. **Vizir** *s.m.* Governador ou ministro nomeado por soberano de um reino muçulmano. ár. *wazīr* ‘ajudante ou acessor; ministro’
191. **Xadrez** *s.m.* Jogo que simula o conflito entre dois exércitos, cada qual composto por 16 peças passíveis de movimentos em tabuleiro, subdividido em 64 casas, disputado com a utilização de intenso raciocínio lógico e estratégico, dispensando qualquer interferência da sorte (adapt.). ár. *xaṭrandj*
192. **Xaque, xeque** *s.m.* Ataque sofrido pelo rei, peça principal no jogo de xadrez. ár. *xāḥ* ‘ataque ao rei’
193. **Xaquemate, xaque-mate, xequemate, xeque-mate** *s.m.* Ataque decisivo ao rei, peça principal do jogo de xadrez, em que não há qualquer possibilidade de fuga ou defesa, o que implica o término da partida com a consequente derrota do jogador atacado. Do persa *xāh māt*, pelo ár. *xāyḥ māka* ‘o rei está morto’

194. **Xarope** *s.m.* Substância medicamentosa, de natureza líquida e adocicada, geralmente utilizada com finalidades terapêuticas (adapt.). ár. *xarāb* 'bebida, poção'
195. **Xeique** *s.m.* Chefe muçulmano em território de extensão variada (adapt.). ár. *xāyh* 'ancião; chefe, soberano'
196. **Xiita** *adj. e s.2g.* Partidário das convicções religiosas e partidárias do xiismo. ár. *xīḥa* 'grupo, partido, seita' + *ita*
197. **Zaga** *s.f.* 1. Conjunto de militares situados na retaguarda de uma tropa 2. Conjunto formado pelos dois zagueiros ou defesas centrais no futebol 3. Posição recuada e defensiva que estes jogadores ocupam no campo de futebol. ár. *sāqa* 'retaguarda de um exército'
198. **Zarabatana** *s.f.* Tudo comprido pelo qual se impelem, com sopro, setas, pedrinhas, grãos etc; sarabatana, esgarapatana, esgaravatana. ár. vulgar *zarbaṭāna* 'tubo para matar pássaros'
199. **Zênite** *s.m.* Ponto da esfera celeste diretamente oposto ao *nadir*, que se situa na vertical do observador, na sua cabeça (adapt.). ár. *samt* 'caminho, direção'
200. **Zero** *num.* A total ausência de quantidade; número cardinal que corresponde a um conjunto vazio (adapt.). ár. *ṣifr* 'vazio, zero'

CONCLUSÃO

Estudar a formação da língua que se fala é parte importante de conhecer sua história, e essa história também é constituída pelas línguas que influenciam, de alguma forma, a língua vernácula.

Após o estudo da história da influência do árabe no português, foi possível chegar às seguintes conclusões:

Primeiramente, a marca deixada pelos árabes no vocabulário do português primitivo, embora tenha diminuído com o Renascimento, continua viva e é utilizada todos os dias pelos falantes do português brasileiro. E as palavras de origem árabe no léxico do português não se limitam apenas a campos do conhecimento, mas estão presentes em várias áreas, sendo usadas no cotidiano brasileiro com frequência.

Além do exposto acima, a influência linguística causada pelos imigrantes libaneses no Brasil, e por seus descendentes, embora ainda esteja em processo, já apresenta resultados, especialmente no campo da culinária.

Finalmente, a presença árabe no Brasil não é limitada à língua. A cultura é divulgada por vários meios: literatura, cinema, televisão, culinária e música, e não apenas importada do Oriente, mas também produzida por brasileiros e muitas vezes misturada com a nossa própria cultura, embora sem perder o sentido de exótica e diferente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Youssef. O contato árabe-português no Brasil: descrição sociolinguística - demográfica. **Papia**, n. 19, p. 263-280, 2009. Disponível em: <<http://abecs.dominiotemporario.com/ojs/index.php/papia/article/viewFile/33/71>>. Acesso em: 4 out. 2013.

_____; AGUILERA, Vanderci de Andrade. A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa. **Entretextos**, v. 10, p. 5-29, jul./dez. 2010. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/download/7963/6948>. Acesso em: 14 out. 2013.

AGÊNCIA SENADO. Comunidade libanesa no Brasil é maior que população do Líbano. **Portal de Notícias**, 23/04/2010. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2010/04/22/comunidade-libanesa-no-brasil-e-maior-que-populacao-do-libano>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

BUENO, Silveira. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. Editora Brasília LTDA: Santos, 1974.

CHEDIAK, Antônio José. Reprodução integral do discurso no Festival Árabe de 1972. In: **Revista FIKR de Estudos Árabes, Africanos e Sulamericanos**, Seção Confluências, p. 145. São Paulo: BibliASPA, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliaspa.com.br/bibliaspa/images/revistas/23br.pdf>> Acesso em: 19 dez. 2013.

FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Elzamária Araújo. Aspectos da herança da língua árabe na língua portuguesa: pontos de terminologia. **Debate terminológico**. n.2, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21554/12424>> Acesso em: 2 out. 2013.

HAUY, Amini Boainain. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, Segismundo (Org.). **História da Língua Portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

HOUAISS, Antônio. **As projeções da língua árabe na língua portuguesa**. Conferência para o Centro de Estudos Árabes da USP, 1986. Transcrição org. Cecília N. Adum. Disponível em: <www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>. Acesso em: 2 dez. 2013.

_____; VILLAR, Mauro de Salles; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia; Banco de Dados da Língua Portuguesa. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Lisboa: Temas e Debates, 2003. 3 v.

REI, António, Literatura moçárabe. Memória de uma cultura de resistência (Século VIII a XII), **Revista Medievalista Online**, ano 4, n. 4, p.1-18, 2008. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA4/medievalista-rei.htm>>. Acesso em: 3 out. 2013.

SAMU, Leonardo. Presença árabe no português: 1300 anos depois. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, p. 46-51, ago. 2010. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/augustus/images/edicao30/pdf/rev_aug_30_art05.pdf> Acesso em: 4 out. 2013.

SILVA, José Pereira da. Contribuição árabe na formação do português (Vocabulário português legado pelos árabes). **Revista Philologus**, ano 2, n. 5. 1996. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(5\)21-46.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(5)21-46.html)>. Acesso em: 28 nov. 2013.

_____, José Pereira da. Contribuição árabe na formação do português. **Revista Philologus**, ano 2, n. 4. 1996. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(4\)45-51.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(4)45-51.html)> Acesso em: 28 de novembro de 2013

TAGLIAVINI, Carlo. **Origini delle lingue neolatine**: introduzione alla filologia romanza. 4. ed. Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron, 1964.

TAHAN, Malba. **Mil Histórias Sem Fim**: Contos Orientais. v.1, 12. ed. Rio De Janeiro: Conquista, 1963.

TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. *História Unisinos*, v. 11, n. 3, p. 359-366, set./dez. 2007.

Z Aidan, Assaad. **Letras & História**: Mil palavras árabes na língua portuguesa. Belém: SECULT, 2005.